



O GÊNERO PRATICADO COM AS CRIANÇAS: PERSPECTIVAS PARA UMA EDUCAÇÃO DO PORVIR

THE GENDER PRACTICED WITH CHILDREN: PERSPECTIVES FOR EDUCATION OF THE FUTURE

Y GÉNERO PRACTICADAS CON NIÑOS: PERSPECTIVAS PARA LA EDUCACIÓN DEL FUTURO

Bruno Costa Lima Rossato¹

RESUMO

Esse texto surge na urgência de pensarmos em perspectivas para uma educação do porvir e, emerge, a partir das memórias de alguns achados numa pesquisa de Mestrado que teve, como proposta, pensar o gênero praticado na/com a Educação Infantil. O propósito do artigo é enaltecer a produção performativa do gênero na infância, considerando que as prescrições e normas têm que ser praticadas pelas crianças, em suas articulações às aprendizagens que se forjam em meio aos rituais, gestos e processos miméticos, os quais têm como modelos e referências as tradições culturais, assim como o múltiplo repertório de imagens, inclusive as midiáticas, que compõem o imaginário infantil. Nesse sentido, é imperativo darmos visibilidade a essas memórias, no meio de uma pandemia, devido a capacidade das crianças em constituir-se como produtoras de subjetividades, em processos de criação permanente. Tais processos, que se realizam principalmente nos/com os corpos, expressam e criam relações com o mundo que se modificam permanentemente, produzindo diferença. Como pressuposto, esse texto pensa as crianças, e seus trânsitos escolares, como algo que, embora seja forjada na contingência das normas estabelecidas, atravessa e transborda as fronteiras do instituído, produzindo subjetividades que rompem às expectativas sociais. Algo primordial para vislumbrarmos uma educação do porvir.

Palavras-chave: Infância. Educação do porvir. Processos Miméticos. Gênero.

Submetido em: 21/03/2021 – **Aceito em:** 11/05/2021 – **Publicado em:** 28/04/2022

¹Doutorando e Mestre em Educação pelo Programa de pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Gama Filho (2009), especialização em Administração e Planejamento da Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2013), e, aperfeiçoamento em Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade Federal Fluminense (2014). Atualmente é Professor de Educação Infantil na Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e Mediador à Distância, no curso de graduação em pedagogia, pela Fundação CECIERJ. É bolsista FAPERJ (doutorado) no Grupo de Pesquisa CNPq/CUNADI, Currículos Narrativas Audiovisuais e Diferença, coordenado pela Prof. Dra. Conceição Soares. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil, interessando-se pelos temas: Cotidianos e Currículos; Docência; Narrativas Audiovisuais; Gênero e Sexualidade.

**ABSTRACT**

This text arises from the urgency of thinking about perspectives for an education to come and emerges from the memories of some findings in a Master's research that had, as a proposal, thinking about the gender practiced in / with Early Childhood Education. The purpose of the article is to highlight the performative production of gender in childhood, considering that prescriptions and norms have to be practiced by children, in their articulations to the learning that takes place in the midst of rituals, gestures and mimetic processes, which have as models and references to cultural traditions, as well as the multiple repertoire of images, including media, that make up children's imagination. In this sense, it is urgent that we give visibility to these memories, in the middle of a pandemic, due to the children's ability to constitute themselves as producers of subjectivities, in processes of permanent creation. Such processes, which take place mainly in / with bodies, express and create relationships with the world that are permanently modified, producing difference. As a presupposition, this text thinks of children, and their school transits, as something that, although it is forged in the contingency of established norms, crosses and overflows the borders of the instituted, producing subjectivities that break social expectations. Something essential to envision an education to come.

Keywords: Childhood. Education of the future. Mimetic Processes. Gender.

RESUMEN

Este texto surge de la urgencia de pensar las perspectivas de una educación por venir y surge de la memoria de algunos hallazgos en una investigación de maestría que tenía como propuesta pensar en el género practicado en / con la Educación Infantil. El propósito del artículo es resaltar la producción performativa de género en la infancia, considerando que las prescripciones y normas tienen que ser practicadas por los niños, en sus articulaciones al aprendizaje que se fragua en medio de rituales, gestos y procesos miméticos, que tienen como modelos y referencias a las tradiciones culturales, así como el múltiple repertorio de imágenes, incluidos los medios, que configuran la imaginación de los niños. En este sentido, es urgente que demos visibilidad a estos recuerdos, en medio de una pandemia, debido a la capacidad de los niños para constituirse como productores de subjetividades, en procesos de creación permanente. Estos procesos, que tienen lugar principalmente en / con los cuerpos, expresan y crean relaciones con el mundo que se modifican permanentemente, produciendo diferencia. Como presupuesto, este texto piensa en los niños, y sus tránsitos escolares, como algo que, aunque se forja en la contingencia de las normas establecidas, traspasa y desborda las fronteras de lo instituido, produciendo subjetividades que rompen las expectativas sociales. Algo esencial para imaginar una educación.

Palabras clave: Infancia. Educación del futuro. Procesos miméticos. Género.

SITUANDO A CONVERSA

Afinal, o que é ser homem? O que é ser mulher? Que situações ou experiências nos constituem como sujeitos “sexuados e generificados” em meio a múltiplos discursos, práticas e contingências cotidianas que vão do nosso corpo aos nossos gestos e às nossas formas de perceber, significar, expressar e performar o mundo? É possível romper e desnaturalizar ou, ao menos, problematizar a categoria “sexo” que resulta da classificação dos nossos corpos a partir



do órgão genital e que, com a afirmação desse enquadramento, a cada dia, institui, permanentemente, o binarismo homem ou mulher? E as crianças, o que têm a ver com todas essas situações? De que maneira podemos operar, com as experiências das crianças, para praticar a reinvenção do agora e do porvir?

Preciado (2013) nos traz um rebate às posturas heterocentradas com a necessidade de uma concepção mais abrangente, e dinâmica, que possibilite novos diálogos para desnaturalizar os binarismos historicamente produzidos, e que tanto se estabelecem desde a infância, enaltecendo a preservação de uma infância aliada ao sagrado.

Com a ideia de aprendizagem com as crianças, sobre as questões de gênero-sexualidade, escolhe-se as memórias de práticas cotidianas, da uma pesquisa com crianças, como *espaçotempo* de problematizações, descobertas e inventividades, na qual concebe-se a infância não localizada cronologicamente, porém enquanto abertura do pensamento.

Caminhos teórico-metodológicos

Por causa dessas brincadeiras,
resolvi levar o Dudu ao médico,
Pra ver se ele tinha algum problema.
Ele disse que queria ser menina.

*Trecho do livro "O menino que brincava de ser".
Georgina Martins*

Mergulhar nesse “campo minado” denominado gênero não é uma tarefa fácil. E quando tal “campo minado” se articula com as questões da infância? Como pensar no corpo infantil tendo, como base, uma série de tensões que visam defender uma criança categorizada pelo adulto com características de pureza? Uma criança totalmente à margem do tecido social? Como trazer à tona o direito das crianças de experienciar as variadas formas de viver as potências e os prazeres do corpo? Em que medida a materialidade do corpo infantil se dá, como elencado por Preciado (2013)?

Um exemplo breve dessa luta que se dá cotidianamente foi o caso da *Manif pour tous* (Manifestação para todos) realizada em Paris, no ano de 2013, que trazia à tona o protesto contra o casamento entre homossexuais e a adoção por casais de mesmo sexo, e que inspirou um texto brilhante trazido por Preciado (2013). No meio desse emaranhado de protestos, encontramos o caso de Frigide Barjot, defendendo que era preciso resguardar os direitos da criança de ter um pai e uma mãe: uma família heterossexual.

Imagem 1 – Criança carrega um cartaz escrito:
“Todos nascem de um homem e de uma mulher”



Fonte Google.

No combate de Frigide Barot, Preciado (2013) nos traz o texto *Quem defende a criança queer?* como um rebate à resistência às posturas heterocentradas com a necessidade de uma concepção mais abrangente e dinâmica, que possibilite novos diálogos face aos modos de desnaturalizar, e superar, os binarismos historicamente produzidos e que tanto se estabelecem desde a infância, em que, o debate conservador, enaltece a preservação de uma concepção de



família aliada ao sagrado. Nesse mote, Preciado (2013) interpela que a manifestação não defendia em nada os direitos das crianças de terem um pai e uma mãe – heterossexuais – porém e, sobretudo, o poder de educar os corpos infantis sobre a lógica dos padrões binários na formação dos corpos, considerando a criança, de antemão, como heterossexual e como artefato político, sem voz para sua própria constituição.

Desse modo, tão tocante e peculiar, o texto de Preciado (2013) faz menção ao menino que gosta de vestir-se de rosa e a menina que sonha em se casar com sua melhor amiga, fazendo uma contraposição – brilhante e contundente – sobre o direito das crianças de crescerem em um mundo sem violência de gênero, sem violência sexual e o direito delas a essa experimentação. Conforme a autora, o que está em questão é o que nos tornamos ou podemos nos tornar quando ficcionamos sobre os outros e sobre nós mesmos, pondo em funcionamento, em movimento, em devir, a autoimagem (SOARES, 2013).

No Brasil, o tema denominado por grupos conservadores como “ideologia de gênero”, tornou-se uma pauta de discussão, tanto na esfera federal quanto nas estaduais e municipais. Alguns programas de governo, como o “Brasil sem Homofobia” e materiais didáticos como o “Kit anti-homofobia” – ironizado por muitos como “kit-gay” –, foram fortemente atacados sob a justificativa de uma possível estimulação ao “homossexualismo”. Alguns setores conservadores da sociedade civil colaboraram para a suspensão de uma pauta governamental e diversos planos estaduais e municipais de educação sofreram uma série de sanções, e proibições, em relação ao debate do termo “gênero” nas salas de aula. Vale ressaltar que o termo homossexualismo caiu em desuso, já que a palavra “homossexualismo” foi cunhada para se referir à “patologia”. Percebemos, com isso, uma tentativa de produzir uma educação higienizada e não “contaminada” com o que estão chamando de “ideologia de gênero”.

No âmbito do Poder Legislativo de nosso país, a “bancada evangélica”, católicos e demais membros do ‘Movimento Conservador’ alcançaram, depois de uma campanha fervorosa, vetar qualquer menção do termo “gênero” junto ao Plano Nacional de Educação (PNE). Furlani (2016) *apud* Rossato (2017) aponta que, nesse momento, ano de 2014, era possível encontrar militantes, que se julgavam defensores da “família e da vida”, gritando “não ao gênero” diante de assembleias legislativas bem como protestando, de forma enfática, contra



a “ideologia de gênero”, que traria a destruição da família e a doutrinação de crianças. Podemos vislumbrar, inclusive, que tal agitação não se destinava apenas aos evangélicos; estaria presente também nas cartilhas que foram distribuídas no período da Jornada Mundial da Juventude (JMJ), alertando os jovens sobre o grande perigo que rondava suas casas: o poder de tornar-se “outra coisa” que contrariasse seu sexo biológico. Furlani (2016) *apud* Rossato (2017) aponta que o termo “ideologia de gênero” nunca foi utilizado no âmbito das Ciências Humanas.

Os defensores dessa educação acreditam, de modo equivocado, que falar de gênero e sexualidade nas escolas afeta o desenvolvimento das crianças, pois as mesmas seriam “influenciadas” a fazer escolhas consideradas fora da “normalidade”, que fogem ao padrão heterossexual hegemonicamente construído e estabelecido social e culturalmente. Na contramão disso, acreditamos que os corpos estão presentes nas escolas e, com eles, latente à multiplicidade de contingências, experiências incontrolláveis, operando nas políticas e nos currículos (ROSSATO, 2017).

A conceituação de gênero expressa todo um sistema de relações que inclui sexo, mas que transcende a diferença biológica. O termo sexo designa somente a caracterização genética e anátomo-fisiológica dos seres humanos. Vale ressaltar que esse conjugado de acontecimentos no âmbito político-social foi denominado “a segunda onda do feminismo”, quando se trabalhava com a ideia de diferença sexual embasada na biologia, ou seja, na anatomia do corpo, ainda naturalizada. Nesse debate, necessita-se enfatizar a contribuição do movimento sufragista decorrente do século XIX, no período da industrialização e urbanização, momento em que muitos deixaram o campo para trabalhar nas fábricas e, com isso, as mulheres passaram a se conscientizar e reivindicar os seus direitos (LOURO, 2011 *apud* ROSSATO, 2017).

Simone de Beauvoir (1980) *apud* Rossato (2017) balizou de forma enfática a questão feminista pelo fato de divulgar amplamente a ideia do “ser mulher” como uma construção social, e, não como um dado natural. Sendo assim, perguntas surgiram: Há universalidade na subordinação do gênero? Existem causas ou raízes? Seria possível trazer à tona a discussão que se colocava até então mediante posições ou abordagens descritas a seguir, porém, cabe considerar que, mesmo situando historicamente tais concepções, elas ainda coexistem, se afirmam e reafirmam pela produção teórica ou por ideias incorporadas cotidianamente.



A cultura patriarcal se ocupa de uma posição que dissimulou e perpetuou a imagem da mulher como sendo um ser “passivo” e obediente, disseminando essa imagem durante muito tempo, assim, como se preocupou, em fortificar o imaginário de “sexo forte” atribuído ao homem, reforçando a imagem do dominador e evidenciando uma possível “fragilidade” da mulher. Esse modelo, tido como de moralidade, atribuía ao homem um “pleno direito” de usufruir do convívio social, permitindo-lhe uma maior participação na vida política e cultural, cabendo à mulher cuidar dos filhos, da casa e da ordem referente aos afazeres domésticos. Conforme aponta Beauvoir (1980, p. 9) *apud* Rossato (2017, p.66): “Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino”.

Diferentes discursos que configuram os paradigmas – científicos e sociais – dominantes são plenamente favoráveis à superioridade masculina; mais do que isso, a produzem, coengendrando uma sociedade patriarcal. Somando-se a isso, há ainda o discurso religioso, da sociedade cristã ocidental, pelo qual a mulher deveria possuir os predicados de Maria de Nazaré, sendo doce, pura e casta. O discurso produzido através de viés religioso e dogmático trouxe de modo muito latente o estigma de uma essência do gênero, colocando os corpos em um plano limitado na vida social.

O movimento feminista sempre colaborou de forma enfática para as discussões acerca das tensões de gênero e, nesse momento, é possível vislumbrar diversas correntes que apresentam concepções teóricas e de militância. A denominada “Terceira Onda Feminista” ganha destaque a partir da década de 1990 e corrobora com os tempos atuais. As contribuições latentes da autora Judith Butler e da teoria *queer* representam uma reprojeção das estratégias da fase anterior. Em presença dessa visão, o feminismo se concretizou enquanto atitude política e de modo intelectual, que busca a ruptura de padrões tradicionais, abolindo a opressão sofrida ao longo da história da humanidade, sendo apoiado tanto por homens como por mulheres que defendem a legitimidade do corpo independente da genitália. Conforme mencionado, tal movimento é dividido em três fases, cada qual marcada por suas conquistas e interesses (ROSSATO, 2017).



O debate feminista que vem ganhando força e evidência no país nos últimos anos tem se intensificado em torno de reivindicações e luta das mulheres negras, que não percebiam suas questões contempladas dentre as principais demandas do movimento feminista. Para Bell Hooks (2017) *apud* Rossato e Gomes (2021) havia uma ideia de que as mulheres negras já eram “livres”, pois elas podiam trabalhar, ignorando por completo as questões sexistas e de dominação masculina. Além da resistência dentro do contexto acadêmico, com questionamento a universalização da categoria “mulher”. Avanços nas problematizações, não sem resistência, propiciaram reflexões voltadas para a condição feminina associada a aspectos como raça e classe social.

Para Preciado (2014, p. 26), o corpo, o gênero e a sexualidade são “tecnologias sociopolíticas complexas”, ou seja, os códigos da heterossexualidade produzem um dispositivo de produção de feminilidade e masculinidade, que recorta o corpo e traz consigo operações de fragmentação de órgãos, que são reiteradas aos próprios corpos enquanto verdade biológica. Ao incorporar essa ideia, o autor nos afirma que a própria norma “científica” cria “os papéis e as práticas sexuais que naturalmente se atribuem aos gêneros masculino e feminino como um conjunto arbitrário de regulações inscritas nos corpos que asseguram a exploração material de um sexo sobre o outro”. Em consequência, a diferença sexual é uma “heterodivisão” – denominação do autor – do corpo na qual a simetria não é possível, ou seja, é produto de um processo histórico caracterizado na luta pelo poder, dizendo o que está ajustado com a ciência. Bhabha (1998) *apud* Rossato (2017) nos indaga a respeito da sobreposição de um discurso aclamado por um determinado grupo tido como hegemônico que, através da soberania social, transmite um conjunto de valores que são impregnados de geração em geração. Com isso, temos a criação de práticas que colaboram para um valor negativo do que não está “classificado” como “a identidade” dentro de normas estabelecidas.

Expectativas do ponto de vista da cultura e da prática social criam uma série de discursos que pressionam os sujeitos – a partir do seu órgão genital – a agirem em consonância ao que um princípio ou norma considera como correspondente a algumas condutas e sentimentos com relação ao gênero.



Toda sexualidade implica sempre uma territorialização precisa da boca, da vagina, do ânus. Deste modo, o pensamento heterocentrado assegura o vínculo estrutural entre a produção da identidade de gênero e a produção de certos órgãos como órgãos sexuais e reprodutores. Capitalismo sexual e sexo do capitalismo. O sexo do ser vivo se converte em um objeto central da política e da governabilidade (PRECIADO, 2014 p. 12).

Ao pensar nessa afirmação, podemos verificar que Preciado (2014) busca despedaçar os estereótipos mulher/homem considerando a natureza como um contrato social que pode ser substituído por um contrato contrassexual. Assim, Preciado propõe um contrato consensual e temporal, a ser firmado por “corpos falantes”, análogos - e não iguais - que integram uma “sociedade contrassexual”. “Esta reapropriação dos discursos de produção de poder/saber sobre o sexo é um abalo epistemológico” (PRECIADO, 2014 p. 15). É posto assim uma concepção do corpo em mutação.

No mote do pensamento de Preciado (2014) a contrassexualidade não é a criação de uma nova natureza, mas sim o fim da natureza como controle e constrangimento dos corpos. A contra-sexualidade supõe que o sexo e a sexualidade - e não apenas o gênero - são forjados por tecnologias sócio-políticas.

Nesse sentido, acredita-se que fazer pesquisa tendo a parceria de crianças tem sido um grande desafio, principalmente, quando se trata de problematizar, com crianças entre quatro e cinco anos de idade, sobre as questões de gênero-sexualidade. Quais as possibilidades de rompimento e/ou golpes em uma tentativa de não homogeneização da experiência?

Como trajetória ao tecer a pesquisa que se engendra na *prácticateoriaprática*² que foi desenvolvida, opta-se pela metodologia das conversas. Pensando esta conversa que não é elaborada, mas atravessa. A conversa é um acontecimento, potencializa a afirmação (ALVES, 2008). Deste modo, busca-se com as conversas o não estabelecimento de verdades, porém, traçar linhas, apontamentos para problematizar o corpo e o gênero na infância.

Ao longo do texto, vislumbramos as aprendizagens, sobre as questões de um gênero praticado, que foram tecidas com a turma 5B/2017. A turma em questão faz parte de uma

² A noção de juntabilidade está embasada nos pressupostos dos estudos com os cotidianos (Alves, 2008) e tal articulação visa superar as dicotomias impostas pela Modernidade



instituição pública do município de Nova Iguaçu, baixada fluminense do estado do Rio de Janeiro³. Como essas experiências nos ajudam a reafirmar a urgência de dias melhores e uma educação do porvir? Podemos pensar a infância na concepção de um desenho fluido, que traz algo profano em contraposição à severidade e suas respectivas condutas esperadas. Ao nos contaminarmos com essa visão, pensamos com Kohan (2003, p. 63): “A infância, como experiência, como acontecimento, como ruptura da história, como revolução, como resistência e como criação. É a infância que se encontra num devir minoritário, numa linha de fuga, num detalhe”.

Discorrer as formas como as crianças vivem as questões de gênero não se apresenta como uma tarefa fácil, pois, buscando ajuda de Guattari (1981, p. 50): “Como evitar que crianças se prendam às semióticas dominantes ao ponto de perder muito cedo toda e qualquer liberdade de expressão?”. Mais adiante, o autor corrobora que desde a infância é que começa esse processo de iniciação: “Trata-se de uma iniciação ao sistema de representações e aos valores do capitalismo” (GUATTARI, 1981, p. 51). No entanto, as pistas que pairam em torno dos modos de apropriação das crianças, acerca da generificação dos corpos, são de uma potência que deixa passar o convívio com as incertezas.

O GÊNERO PRATICADO.

Atravessar, provocar, “levantar uma poeira”. Tudo isso vai sendo proposto por aquele intitulado como pesquisador, como adulto, como aquele que pensa 'saber mais' devido operar na lógica convencional do mundo, a idade. No entanto, quais operações as crianças praticam que nos desestabilizam? Para ajudar em nossas inquietações, Wulf (2013, p. 14) destaca que,

³ A Pesquisa contou com a autorização da Rede Municipal, bem como da instituição e seus atores. Além disso, todo o contexto da pesquisa foi dialogado diretamente com as crianças, esta construção fazendo parte do percurso metodológico da pesquisa. Sendo assim, as crianças construíram um registro de participação na pesquisa, tal registro foi feito por meio de uma atividade intitulada: “O que é uma pesquisa?”, apoiando-se em Ribes (2015) *apud* Rossato (2017) e o conceito bakhtiniano de responsividade.



na infância, os processos miméticos são de extrema importância, pois o autor defende que “o aprendizado cultural é em grande parte um aprendizado mimético”. Mais à frente, tal autor menciona que:

Em processos miméticos, as crianças aprendem a sentir, expressar e modificar seus sentimentos. Da mesma forma, a fala e a postura ereta são habilidades adquiridas mimeticamente. Ademais, como mostrou Walter Benjamin em “Infância em Berlim por volta de 1900”, as crianças também exploram seu entorno em processos miméticos, nos quais assemelham-se a esse ambiente e o incorporam ao seu imaginário (WULF, 2013, p. 14).

Nessa abrangência, partilhamos da ideia de que as práticas tecidas cotidianamente, pelas crianças, podem ser vistas enquanto processos miméticos que produzem diferença, afirmação permanente. Os conhecimentos gestual e ritual são conhecimentos de cunho prático e tácito incorporados em seu caráter performativo, que emerge das relações. “Sem rituais, não haveria o social” (WULF, 2013, p. 14). Nos rituais, os gestos articulam um papel central já que “os gestos transmitem valores sociais e culturais em formas corpóreas [...]”. Nos gestos muitas vezes estão condensados os significados dos rituais” (WULF, 2013, p. 16). Mas, esses rituais, gestos e aprendizagens são práticas a serem transmitidas? E as crianças, como se inserem nos processos miméticos? Nos rituais e gestos, temos como elemento central o papel dos elementos lúdicos, pois esse contribui para a multiplicidade e o caráter dinâmico da performatividade dos rituais e gestos. O faz-de-conta é tencionado nas possibilidades de ação dos seres humanos, nele, realizamos nossa liberdade.

Uma boneca e as tramas cotidianas: gestos (en)cena.

Mais um dia encarando a prática da pesquisa; andava um pouco perdido sobre o quê fazer ou produzir com as crianças para problematizar as perguntas que transitam na pesquisa: “O que as crianças pensam sobre ser, sobre gênero?” “Que práticas ou lógicas são operadas nesse *espaçotempo* no que concerne à generificação dos corpos?” Então, ao observar um pouco as crianças: estão na Sala de Brinquedos; todos estão em situações diversas: alguns usam fantasias; um grupo de “meninos” brincam de espadas/luta dos super-heróis; um deles segura uma boneca que parece ser usada como algum armamento do super-herói em questão. Em meio



à brincadeira, *Cozinheiro*⁴ parece ser interrogado: *Batata-verde*: “Ahhhhh (apontando), tá segurando a bonequinha (risos)”. *Leão forte*: “É! Tá segurando a bonequinha (risos)” (DIÁRIO DE CAMPO).

Tal criança que segurava a boneca, enquanto brincava de luta dos super-heróis, retrai um pouco o corpo; os olhos ficam em direção ao chão. Rapidamente, surge outra criança na cena e o movimento da brincadeira segue a proposta daquele pequeno grupo e a boneca que estava sendo usada como uma espada ou armadura, retorna à brincadeira, exercendo tal função. Penso em interceder naquela ação, em problematizar com as crianças sobre a cena em questão, como sempre fiz na ocasião em que achava oportuna para a pesquisa. Contudo, nesse dia, o desejo é apenas conversar e brincar, tirar um pouco dessa armadura de pesquisador. Continua-se as observações na brincadeira. No entanto, um pensamento de Wulf (2013, p. 128) vem à cabeça quando há uma reflexão sobre os gestos de *Batata-verde* e *Leão Forte*: “Crianças e adolescentes sabem o que certos gestos significam e como eles são julgados e correspondidos. Os gestos tornam o comportamento humano calculável”. No final do recreio, no instante do movimento de retorno à sala de aula, eis que surge *Cozinheiro* e fala:

Cozinheiro: E se a gente desenhasse um super-herói nosso?

Pesquisador: Um super-herói da turma?

Cozinheiro: É!

Pesquisador: Aé? Por quê?

Cozinheiro: Pra ele salvar o mundo

Pesquisador: Salvar o mundo de quê?

Cozinheiro: De todos os supervilões que estragam o mundo.

Pesquisador: E eles estragam o mundo com o quê?

Cozinheiro: Ah... É... Num sei.

Pesquisador: Ué! Você não sabe? Então, por que a gente vai fazer o super-herói?

Cozinheiro: Eu não posso ficar com a boneca...

Pesquisador: Mas, você gosta?

Cozinheiro: ... (Gestos com as mãos)... Não sei; eles ficam rindo porque eu seguro a boneca. (DIÁRIO DE CAMPO)

O dia encerrou e fui para casa pensando que algo estava posto em tudo que vivera

⁴ Todos os nomes utilizados na pesquisa foram alterados pelos próprios praticantes, sendo atribuído também como dispositivo de pesquisa, intitulado como “brincar de ser” Rossato (2017). Esta estratégia também foi utilizada para pensar as configurações de sexo-gênero.



naquele dia; pensava como é possível que, num momento, em que “não estava nem aí para o olhar e a prática de pesquisar”, algo me “cai na bandeja” ou seria melhor afirmar: *É simples, senhor pesquisador. Mergulhar no/com o cotidiano, é fazer COM; é tecer junto e misturado. E, desse modo, as crianças estavam também tecendo aquela pesquisa que “você” julgava como sua.* Pensava nas crianças como meras parceiras, porém, atravesso-me em meio a incompletudes e incertezas diante da infância.

Ao trilhar tal pensamento, encontramos nessa travessia, a infância enquanto experiência; a infância que afeta, que marca esse mergulho no/com o cotidiano, que profana as ideias a serem trabalhadas sobre o gênero.

O Super Colorido na área

Penso nas propostas levantadas por Cozinheiro e, dois dias depois, volto a turma 5B e deixo-me levar pela mão, pelos pés, pela cabeça... Deixo-me levar, por todo corpo, para aprender com as crianças sobre as questões de gênero-sexualidade.

Utilizando-me da atenção desses pensamentos diante do ritual da conversa, conversa essa sempre vista numa relação constituída entre adulto-criança; pesquisador-criança; professor-criança; criança-criança, e tantos outros desdobramentos. Vejo que, diante de toda a conjuntura apresentada, agora chegou o momento em que os pesquisadores da infância – as crianças – vão, não só ajudar a investigar ou problematizar, mas trazer apontamentos para pensarmos o gênero praticado a partir das inúmeras aprendizagens sobre o corpo e os gestos. Nessa relação, a infância atravessa, rasga, entrelaça todo conhecimento produzido ao longo da pesquisa.

Pesquisador: Cozinheiro, lembra o que conversamos naquele dia, do super-herói?

Cozinheiro: Sim.

Pesquisador: E se falássemos com a turma sobre a sua ideia?

Cozinheiro: Vamos!

Hoje, a partir da provocação de *Cozinheiro*, a pesquisa tem uma proposta, em meio a tantas dúvidas, de nos apropriarmos mimeticamente dos gestos de outros, experimentamos como enriquecedor e prazeroso é “pisar fora” (WULF, 2013) de nossas próprias formas gestuais de



expressar o mundo de outra pessoa. “Isso leva para uma expansão de nossos mundos interiores por meio da entrada mimético-estética de um exterior e nos permite ter uma experiência vivaz” (WULF, 2013, p. 131). Assim, conforme foi proposto:

Pesquisador: Turma, ontem o Cozinheiro teve uma ideia que eu acho ser bacana para a nossa pesquisa. Cozinheiro, você quer falar sobre a ideia que você teve ontem?
Cozinheiro: É porque, a gente tá na pesquisa, aí, é porque a gente podia fazer um super-herói. (DIÁRIO DE CAMPO, 2017)

Cozinheiro, ao relatar “a gente tá na pesquisa”, nos faz pensar que os indivíduos e grupos encenam a vida social, desenvolvem encenações de corpos, gestos e formas de expressão. Os gestos, assim, “oferecem informação sobre a importância social da encenação social do corpo” (WULF, 2013).

Luna: Como vai ser esse super-herói?
Pega a Metralhadora: Ele vai ser adulto.
Pesquisador: Por que?
Pega a Metralhadora: Porque... ele cuida das pessoas; vai matar os vilões!
Hulk Azul: Ele vai ajudar as pessoas e vai dançar.
Super-Thiago: Ele vai usar preto igual o Batman.
Elza: Preto também.
Luna: Não!
[...] Frigideira: Pode usar roxo.

Ninja: Pode usar muitas cores...
Frigideira: Ele pode usar colorido.

Ao afirmar que, ao invés de “usar”, conforme colocado por Frigideira, o personagem em questão poderia “ser”, colocamo-nos aptos a decodificar gestos; os gestos tomam uma forma mimética. Aproximando-se desses gestos, as crianças estão comportando-se mimeticamente, fazendo aquisições de competências de projetar, empregar gestos e modificá-los para se adequarem às circunstâncias (WULF, 2013).

Ninja: Ele vai ser todo colorido!
Pega a Metralhadora: Ele vai jogar cor com o pé rodando...
Cozinheiro: Ele vai ser o Super Colorido!
Ninja: E ele vai brigar o dia inteiro.
Luna: E todo mundo vai ficar colorido.



Esses gestos tecidos com as crianças nos afetam de tal maneira que vislumbramos o quanto esses sujeitos problematizam uma série de tensões, de questionamentos, de discursos produzidos e, por meio dos processos miméticos, nós, os praticantes da pesquisa, fomos constituindo modos outros de praticar as concepções de gênero-sexualidade. Ouso dizer que seria um entendimento em que “tudo pode tudo”, se somos livres.

Ao encenar o mundo com as crianças, a noção de experiência torna-se ‘amiga’ da infância. Longe de ser uma situação superada, estabelecida ou atendida, a infância nos desestabiliza, nos “morde”, nos convida a saborear a falta e, na falta, praticamos gestos outros na fixidez com o gênero.

POEIRAS LEVANTADAS

Rever os conceitos de pesquisa tencionados com as crianças e nos aprofundarmos, a partir dessas memórias, nos aproxima daquilo que é caro, o espírito livre da criança: “uma roda que gira sobre si, um movimento, uma santa afirmação”. (NIETZSCHE p. 34, 2002). Logo, os processos de educação/formação, os processos de resistência e os processos de subjetivação precisam ser atravessados pelas reinvenções que são e serão – sempre - urgentes e necessárias. Como um jogo que tem como “regra” fazer, sentir, *ensinaraprender*, desconhecer. É uma via de mão dupla, tripla, quádrupla; são muitas mãos, pés, braços, pernas, cabeças... Como num jogo de futebol aonde a bola vai de um lado para o outro no campo, ora no chão, ora no ar, ora parada, ora em movimento, ora no pé, ora na cabeça.

Essas práticas que são, a todo instante, tecidas, reinventadas com esses relatos carregados de rituais e gestos outros, não podem ser medidas ou avaliadas. Vivemos e aprendemos juntos; não há prática certa ou errada: há práticas! Práticas que potencializam ou despontencializam, que tecem currículos, conhecimentos e significações. O que se torna urgente repensarmos é na problematização de nossas práticas, nossos gestos, nossas aprendizagens. A produção dessas práticas se dá em meio a um emaranhado de sensações, rituais, gestos, acasos, acontecimentos, encontros, nos quais criamos sentidos imprevisíveis e ingovernáveis. E, não



podemos deixar de dar visibilidade, a essas práticas, num período tão difícil da humanidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2008, p.13-38.

GUATTARI, Felix. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. Porto Alegre, RS: Brasiliense, 1981.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2013.

KOHAN, Walter Omar. *Infância: entre a Educação e a Filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica Ed., 2003.

MARTINS, Georgina. *O menino que brincava de ser*. São Paulo: DCL Ed., 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falava Zaratustra*. Trad. José Mendes Souza. Rio de Janeiro: Ebooks Brasil. 2002.

PRECIADO, Beatriz/Paul. *Quem defende a criança queer?* 2013. Disponível em: <<http://revistageni.org/10/quem-defende-a-crianca-queer/>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

_____. *Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: n-1 Ed., 2014.

ROSSATO, Bruno Costa Lima. *Aprendizagens de gênero-sexualidade na/com a Educação Infantil: apontamentos para pensar os currículos*. 2017. 93 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

ROSSATO, Bruno; GOMES, Simone. Conversas ‘encena’: currículos em educação infantil enquanto um direito às sexualidades dissidentes. In: VELOSO, Igor; HILÁRIO, Rosângela; DIONISIO, Tiago; REIKDAL, Cleverson. *Dissidências sexuais e de gênero em diversos*



Revista Docência e Ciberultura

campos de lutas: o sentido do Direito à existência. — 1. Ed. — Porto Velho — RO: EDUCAR, 2021.

SOARES, Conceição. *Pesquisas com os Cotidianos: devir-filosofia e devir-arte na ciência. Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, n. 3, p. 731-45, jul./set. 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/22829>>. Acesso em: 11 out. 2021.

WULF, Christoph. *Homo Pictor: imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado*. São Paulo: Hedra Ed., 2013.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.